

A estética reintegrada

Por Ferreira Gullar

Eles foram precursores do concretismo. Um na poesia, o outro nas artes plásticas. Cinco décadas depois, Ferreira Gullar analisa a obra de Geraldo de Barros, em exibição a partir deste mês no CCBB.

Geraldo de Barros pertence a uma geração de artistas brasileiros que se caracterizou pela intenção de romper com a arte de expressão individual, subjetiva. É a geração que surge no final de década de 40 - no pós-guerra - e sofre a influência, já não da escola de Paris mas da escola de Ulm, fundada por Max Bill (1950) e continuadora da Bauhaus, fundada por Walter Gropius (1917). De Gropius a Bill, alguma coisa mudou, mas o fundamental se manteve: a valorização do **design** como expressão estética e reintegradora da atividade artística na sociedade industrial.

Essa concepção estética começa a se impor no Brasil em 1951 quando Max Bill ganha o grande prêmio de escultura da I Bienal de São Paulo. Ela vem satisfazer o ímpeto de renovação que coincide com o fim da Segunda Grande Guerra e a retomada do intercâmbio cultural em escala mundial. Mário Pedrosa já buscava na Gestalt Theorie o apoio básico para uma arte que quer se livrar da alusão à natureza e do subjetivismo: a forma é expressiva por si mesma, independente do que figure ou represente, demonstram os gestaltianos. Logo, não há diferença essencial entre, por exemplo, uma forma figurativa, seja pintada ou esculpida, e um objeto industrial.



Reproduções: R. Fialdini

Atelier



Fotoformas, 1950

Dentro dessa concepção trabalharam alguns artistas concretos, de São Paulo e do Rio, mas Geraldo de Barros foi talvez o único que levou tal concepção às suas necessárias consequências, a ponto de, no curso de sua vida, trocar os meios de expressão tradicionais (os pincéis, a tela) por outros, próprios da produção industrial, como a fotografia, a tinta industrial, a fôrmica e os procedimentos do **design** e da produção em série.

Mas o rumo tomado por Geraldo de Barros não decorreu apenas da adesão a essas idéias, uma vez que, antes de conhecê-las, já demonstrara interesse pela fotografia, a que se dedicou desde 1946, tratando-a de modo inovador. Embora desconhecendo as técnicas fotográficas, mergulhou numa espécie de redescoberta dos processos de revelação, intervenções no negativo fotográfico, dando início a uma experiência que culminará com a série *Fotoformas*, exposta em 1950 no Museu de Arte de São Paulo.

Geraldo de Barros, inicialmente pintor figurativo, discípulo de Clóvis Graciano e Takaoka, participa em 52 do grupo Ruptura, que marca sua adesão ao concretismo e o leva a ver a atividade do artista sob uma nova luz. "A arte concreta - afirma ele - trouxe a possibilidade do estabelecimento

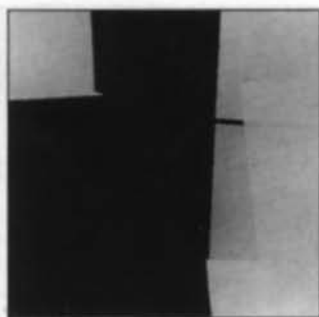
de uma crítica ao objeto único", o que o induz à aplicação dos princípios do desenho industrial à pintura. Noutras palavras, Geraldo de Barros rompe com o conceito da obra de arte como exemplar único e a insere no universo da produção industrial onde, conforme Walter Benjamin, todo exemplar é um original. Assim se explica seu crescente interesse, daí por diante, pelas artes gráficas e o desenho industrial, que o levará a participar do grupo Forminform e a fundar em 1954 a comunidade de trabalho Unilabor e mais tarde a firma Hobjeto Indústria de Móveis

A influência de Mário Pedrosa sobre Geraldo de Barros vai além do campo estético. Ela está evidente também nas idéias que norteiam a criação da comunidade de trabalho Unilabor que, por sua natureza cooperativa, elimina a alienação do trabalho inerente ao capitalismo, já que, nela, os operários são proprietários de seus meios de produção e, portanto, do produto de seu trabalho, conforme observação do próprio Geraldo de Barros.

A vontade de produzir móveis de qualidade para um público amplo sempre foi uma preocupação dele. Com esse propósito, buscou um processo produtivo capaz de baratear os custos e o encontrou na criação de módulos produzidos em série. Assim chegou ao móvel de produção totalmente industrializada: com apenas 150 módulos conseguiu produzir cerca de 500 modelos diferentes.

Ao contrário de outros pintores, que viam como ameaça à arte a adoção de princípios próprios à atividade industrial, Geraldo se dispôs sem qualquer drama a tornar-se um desenhista de móveis e abandonar sua condição de pintor. Não obstante, essa necessidade de expressão individual era mais forte nele que ele próprio imaginava. Ela já se manifestara, no seu trabalho de fotógrafo, através das intervenções no negativo. Que eram essas intervenções senão a necessidade de acrescentar ao produto técnico o toque individual? Assim é que, nos anos 70, ele retoma sua obra pictórica dentro dos princípios da arte concreta, acrescidos do que realizara na área industrial: o uso da seriação e dos módulos.

Artista sensível e homem empreendedor, herdeiro da utopia estético-socialista que nasceu com as vanguardas do começo do século, Geraldo de Barros desempenhou, no Brasil, um papel pioneiro, de que são testemunhos sua obra de pintor, fotógrafo e desenhista de móveis. ■



Fotoformas, 1945



Auto-retrato, 1950



Vista de um porto, 1950